

**Monumentos da Guerra de Inverno (1939-1940) no Ártico Selvagem:
herança das valas comuns soviéticas da Segunda Guerra Mundial na
Lapônia Finlandesa**

Oula Seitsonen

Universidade de Oulu, Oulu, Finlândia

 <https://orcid.org/0000-0003-3792-0081>

E-mail: oula.seitsonen@gmail.com

Jaisson Teixeira Lino

Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Chapecó, Santa Catarina
Bolsista Produtividade em Pesquisa – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e
Tecnológico (CNPq)

 <https://orcid.org/0000-0001-5582-526X>

E-mail: lino@uffs.edu.br

Resumo: O artigo apresenta os resultados de pesquisa produzida sobre monumentos, valas e sepulturas soviéticas em território finlandês (região da Lapônia), historicamente constituídos desde a primeira fase da Segunda Guerra Mundial desenrolada naquele território, conhecida como a Guerra de Inverno (1939-1940). Com o fim da maior contenda mundial, foram se produzindo memoriais ao longo de todo o norte da Finlândia, com especial destaque para áreas próximas à fronteira com a Rússia, criando-se assim complexas tensões e negociações relativas às memórias e esquecimentos da presença bélica soviética naquela área. Os autores tiveram a oportunidade de visitar alguns destes lugares e entrevistar importantes personagens envolvidos na constituição destes memoriais, no ano de 2016, sob a égide de um projeto de pesquisa sobre o patrimônio da Segunda Guerra Mundial em sua fâcies norte europeia.

266

Palavras-chave: Monumentos de guerra; Segunda Guerra Mundial; Patrimônio Cultural.

**Winter War Monuments (1939-1940) in the Wild Arctic: heritage of WWII
soviet mass graves in Finnish Lapland**

Abstract: The article presents the results of research produced on Soviet monuments, fortifications and graves in Finnish territory (region of Lapland), historically constituted since the first phase of the Second World War unfolded in that territory, known as the Winter War (1939-1940). After the World War, Soviet memorials were produced throughout the whole north of Finland, with special emphasis on areas close to the border with Russia, thus creating complex tensions and negotiations related to the memories and forgetfulness of the Soviet war presence in that area. The authors had the opportunity to visit some of these places and interview important figures involved in the constitution of these memorials in the year of 2016, under the auspices of a wider research project on Second World War heritage in its northern European theatre.

Keywords: War memorials; Second World War; Cultural Heritage.

Texto recebido em: 04/01/2023

Texto aprovado em: 10/05/2023

Introdução

A União Soviética atacou a Finlândia no início da Segunda Guerra Mundial, em 30 de novembro de 1939. Tal ataque iniciou a Guerra de Inverno Russo-Finlandesa, que é a parte mais conhecida e celebrada do envolvimento finlandês na Segunda Guerra Mundial (KINNUNEN; JOKISIPILÄ, 2012; KIVIMÄKI, 2012). A Finlândia era vista como uma frágil força lutando contra o poder da União Soviética, o que resultou em muita simpatia e preocupação internacional, assim como em ajuda militar, econômica, entre outras, à Finlândia. Por exemplo, uma quantidade considerável de auxílios alimentares foi enviada de países da América do Sul, incluindo o Brasil (ALSINA, 2018; KAJAANI, 1998). Durante nossas escavações arqueológicas de sítios da Segunda Guerra Mundial na Lapônia finlandesa, no alto do Círculo Ártico, descobrimos de fato uma embalagem metálica de alimentos originária do Brasil, que provavelmente relaciona-se a essa ajuda econômica de longa distância. A Guerra de Inverno durou três meses, até 13 de março de 1940, e é amplamente lembrada na Finlândia como os “105 dias de glória”, uma guerra pura e simples, com um claro vilão soviético (KLEEMOLA, 2015; MÄLKKI, 2008; TEPORA, 2015).

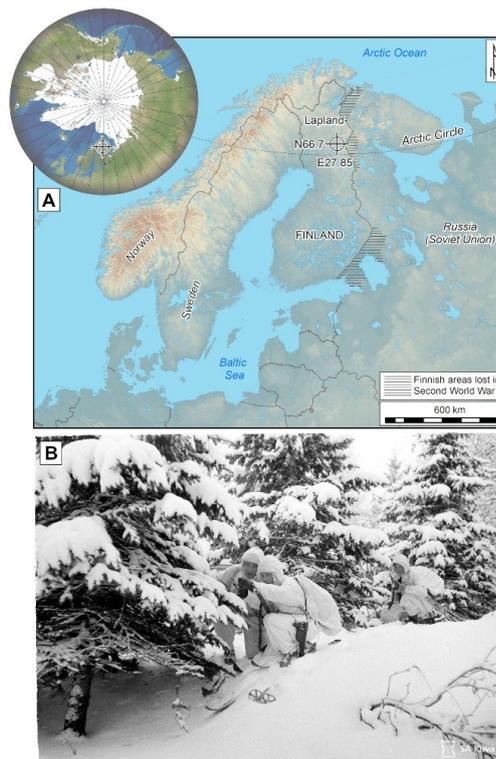
A breve Guerra de Inverno terminou com pesadas perdas territoriais, entre outras perdas, para a Finlândia. Esse terreno foi preparado para o envolvimento finlandês na parte final da Segunda Guerra Mundial como um aliado nazista alemão contra a União Soviética em 1941-1944. No entanto, a Finlândia terminou a guerra como inimiga dos alemães na Guerra da Lapônia de 1944-1945, que resultou na destruição da maior parte do norte da Finlândia pelos alemães (AHTO, 1980; SEITSONEN, 2018, 2020). A memória do “*Waffenbrüderschaft*” (irmandade de armas) finlandês-alemão era complexa e tinha muitas características inesperadas e peculiares. De qualquer forma, a Finlândia era uma democracia lutando ao lado de uma ditadura discriminatória e, conseqüentemente, os alemães não promoveram suas opiniões políticas ou raciais na Finlândia. Os finlandeses, por exemplo, recusaram-se a entregar qualquer judeu finlandês, e os soldados judeus finlandeses lutaram durante toda a guerra ao lado dos soldados alemães, incluindo as tropas de proteção (SS), contra os russos (RAUTKALLIO, 1994; SEITSONEN, 2020). Os alemães, na verdade, concederam a Cruz de Ferro a três judeus finlandeses, os quais compreensivelmente se recusaram a recebê-la. Um deles chegou a comentar

muito duramente: ‘Eu limpo a minha b**** com a Cruz de Ferro’ (RAUTKALLIO, 1994, p. 70; SEITSONEN, 2020, p. 60).

Neste artigo, discutimos os monumentos da Guerra de Inverno de 1939-1940, a herança material e as valas comuns no norte da Lapônia finlandesa a partir de uma perspectiva transnacional pouco estudada (KOSKINEN-KOIVISTO, 2019; SEITSONEN, 2019). Os campos de batalha do norte da Guerra de Inverno foram significativamente negligenciados até recentemente, e a cultura da memória e da lembrança se concentrou fortemente na frente sul, perto da cidade de São Petersburgo, com as renomadas defesas de linha finlandesa Mannerheim (Fig. 1) (IRINCHEEV, 2009, 2012; KULJU, 2019; SEITSONEN, 2019). Usamos como estudo de caso o esquecimento soviético, a relembração russa e os cuidados dos finlandeses locais com as valas comuns de soldados soviéticos que morreram em 1939 no campo de batalha de Mäntyvaara, município de Kemijärvi, no leste da Lapônia finlandesa (SEITSONEN, 2019).¹ O campo de batalha de Mäntyvaara permanece, até hoje, uma área remota ao norte do Círculo Ártico com uma estrada principal que a atravessa (Fig. 1). A batalha na Colina Mäntyvaara é uma das lutas icônicas da Guerra de Inverno, e se encaixa bem na imagem da cultura popular de tropas finlandesas em desvantagem numérica e mal equipadas, esquiando pela região selvagem fria e coberta de neve, e confrontando e vencendo a enorme máquina de guerra soviética (Fig. 1) (AIRIO, 2009; KINNUNEN; JOKISIPILÄ, 2012).

Visitamos o campo de batalha em 2016, convidados e guiados por entusiastas da história da guerra local, cujos parentes lutaram na batalha em 1939. Após a primeira visita, realizamos também um levantamento arqueológico da área mais ampla. Gravamos entrevistas com nossos informantes no Museu local de Guerra e Reconstrução de Salla, mas a informação mais interessante surgiu durante nossa caminhada informal pelo campo de batalha florestal. Isso destaca a importância de um método de entrevista do tipo “*go along*” ao trabalhar com pessoas que tenham uma visão de mundo característica do Norte, que veem o mundo como uma entidade holística, relacional e corpórea, que escapa aos limites entre cultura e natureza ou entre natural e sobrenatural (HERVA, 2014; SEITSONEN, 2019, 2020; SEITSONEN; HERVA, 2020; SEITSONEN; MOSHENKA, 2021; STICHELBAUT *et al.* 2021). O trabalho de campo fez parte de um projeto mais amplo intitulado “Dark Lapland Heritage”, financiado pela Academia da Finlândia (KOSKINEN-KOIVISTO; THOMAS, 2017; THOMAS *et al.*, 2019).² Mais especificamente, a percepção transgeracional e a perspectiva da população local

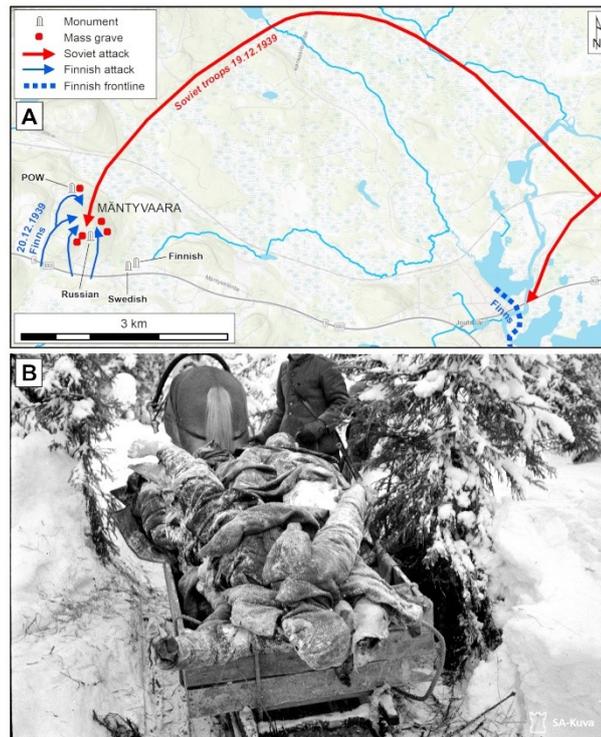
sobre a importância dos eventos de guerra, e sobre lembrar e honrar os túmulos e monumentos, abriram algumas perspectivas fascinantes que discutimos abaixo. Em primeiro lugar, descrevemos brevemente o contexto histórico da batalha, e a memorialização e monumentalização do campo de batalha e das valas comuns soviéticas nele encontradas. A seguir, discutimos, a partir de uma perspectiva patrimonial, o contexto político mais amplo no qual a memória dos soldados soviéticos caídos foi primeiramente esquecida e depois lembrada. As questões discutidas sobre monumentalização, cultura da memória, e lembrar e esquecer têm maior relevância além da Lapônia finlandesa e contribuem para as discussões globalmente crescentes sobre a arqueologia do passado recente (LINO; SYMONDS, 2021; LINO; SYMONDS; FUNARI, 2019; MOSHENSKA, 2019; SAUNDERS, 2003; SCHOFIELD, 2009).



Fonte: Mapa Oula Seitsonen e fotografia SA-kuva a_245/1 de março de 1940 (Fotógrafo desconhecido).

FIGURA 1

A. Localização do campo de batalha de Mäntyvaara em Kemijärvi, Lapônia finlandesa. B. Patrulha de esqui finlandesa nas florestas cobertas de neve em Kemijärvi durante a Guerra de Inverno



Fonte: Mapa Oula Seitsonen e fotografia SA-kuva a_578/30 de janeiro de 1940 (fotógrafo desconhecido).

FIGURA 2

A. Mapa da batalha de Mäntyvaara. B. Companhia de trabalho finlandesa coletando corpos de soldados soviéticos de um campo de batalha para serem enterrados; observe que os sapatos parecem ter sido tirados dos corpos (no campo de batalha de Lemetti)

Batalha em Mäntyvaara em 20 de dezembro de 1939

No início da Guerra de Inverno, as tropas soviéticas atacaram através da fronteira leste finlandesa ao longo das estradas de transporte passáveis em condições de inverno, com cobertura de neve espessa e temperaturas abaixo de zero. A infraestrutura do norte da Finlândia era ainda mais limitada do que é hoje, e havia poucas estradas navegáveis cruzando a fronteira. Uma delas situava-se no município vizinho de Salla, cerca de 150 quilômetros a leste do Morro de Mäntyvaara. O Batalhão local de Salla, com cerca de 1500 homens, tentou reduzir a velocidade de uma avalanche soviética de cerca de 20.000 homens que invadiu a fronteira em 30 de novembro. Eles haviam recuado, o tempo todo lutando e com tropas adicionais correndo às pressas para o norte, durante todo o início de dezembro de 1939 (AIRIO, 2009). Então, em 19 de dezembro, o Batalhão de Salla foi

finalmente rendido na frente de batalha e colocado para descansar nas fazendas localizadas ao sul de Mäntyvaara em Kemijärvi. No entanto, ao mesmo tempo, sem que eles soubessem, um Batalhão Soviético tinha acabado de completar um movimento de flanqueamento de 10 quilômetros de comprimento pela região selvagem, sem estradas, coberta de neve, e estava cavando no topo da Colina Mäntyvaara (Fig. 2). O solo estava coberto por cerca de 15 centímetros de neve e a temperatura caiu para -20 graus Celsius.

No dia seguinte, em 20 de dezembro, pouco depois do pôr do sol – o que, em dezembro, nesta área, ocorre às 13 horas –, as tropas finlandesas descansadas foram surpreendidas em suas acomodações por um súbito ataque soviético (SPK 534). O objetivo soviético era conseguir um avanço para celebrar o aniversário de Joseph Stálin, em 21 de dezembro (AIRIO, 2009). No entanto, os finlandeses subiram a colina, o que resultou em um caótico combate corpo-a-corpo na floresta escura. Após forte resistência soviética, uma ação bem-sucedida de flanqueamento realizada por um punhado de soldados locais transformou a luta em uma vitória finlandesa e, à meia-noite, eles tinham dominado o topo da colina. As tropas soviéticas escaparam pela região selvagem, e os finlandeses capturaram armas muito necessárias, tais como rifles, metralhadoras, morteiros e munições (AIRIO, 2009). Ao todo, o número de mortos na batalha foi superior a 400 soldados soviéticos e 17 finlandeses; houve também 17 soldados finlandeses feridos e algumas dúzias de prisioneiros soviéticos (Fig. 2) (AIRIO, 2009).

No dia seguinte, no aniversário de Stalin, a companhia de trabalho local dirigida pelo irmão mais velho do nosso informante, o Sr. Alpo Siivola, começou a enterrar às pressas as baixas soviéticas no campo de batalha. Siivola nos guiou habilmente ao redor do campo de batalha, narrou as histórias locais e nos mostrou os quatro túmulos preparados pela companhia de trabalho finlandesa (Fig. 3). Seu irmão havia comentado sarcasticamente que o enterro dos soldados soviéticos na Colina Mäntyvaara era “um presente de aniversário apropriado para o camarada Stálin” (comunicação pessoal de Alpo Siivola, 8 de agosto de 2016). A Batalha de Mäntyvaara efetivamente parou o avanço soviético em direção a Rovaniemi, capital da Lapônia, e foi descrita como um caso exemplar das táticas de pequenas unidades da Guerra de Inverno (AIRIO, 2009).

Após a Guerra de Inverno

A Finlândia sofreu pesadas perdas territoriais na Guerra de Inverno, por exemplo, na região de Salla e Kuusamo, imediatamente a leste da área de Mäntyvaara. Após a Guerra de Inverno, os finlandeses, que haviam antecipado que uma nova guerra com a União Soviética era apenas uma questão de tempo, uniram forças com a Alemanha nazista na Operação Barbarossa, nome dado ao ataque de Hitler à União Soviética, no verão de 1941. O objetivo da Finlândia era recuperar os territórios perdidos e perseguir o sonho de uma “Grande Finlândia” no Leste (KIVIMÄKI, 2012). Entre 1941 e 1944, as tropas alemãs mantiveram a responsabilidade frontal em grande parte da Lapônia finlandesa, incluindo as regiões de Kemijärvi e Salla (AIRIO, 2009; SEITSONEN, 2020). Elas estabeleceram várias bases militares na área, tais como o campo de Prisioneiros de Guerra (PoW-sigla em inglês) em Mäntyvaara para exploração madeireira e construção ferroviária (AIRIO, 2014; WESTERLUND, 2008). Conseqüentemente, há também uma vala comum de prisioneiros de guerra no lado oposto da colina do campo de batalha (Figs. 2-3). Inúmeros outros traços materiais da presença alemã estão presentes na paisagem dessa área, como também em outros lugares da Lapônia (KOSKINEN-KOIVISTO, 2019; KOSKINEN-KOIVISTO; SEITSONEN, 2019; SEITSONEN, 2020). No entanto, no final da aliança finlandesa-alemã em 1944, os alemães destruíram todas as suas instalações militares antes de recuarem para o norte (AHTO, 1980; AIRIO, 2014; SEITSONEN, 2020; WESTERLUND, 2008).

Na cultura da memória soviética, a narrativa mestre de uma Grande Guerra Patriótica contra o ataque nazista alemão de 1941 - que acabou levando ao colapso alemão e ao Dia da Vitória em Berlim, em 9 de maio de 1945 - ofuscou todos os eventos da Segunda Guerra Mundial que aconteceram antes de 1941 (UITTO; GEUST, 2006, p. 209; SEITSONEN, 2019). Assim, a Guerra de Inverno finlandesa também foi marginalizada e minimizada na mesma categoria que as escaramuças da fronteira do Extremo Oriente nos anos 1930 (UITTO; GEUST, 2006, p. 209). Dessa forma, a União Soviética conseguiu diminuir o seu papel como agressor na Guerra de Inverno e, em vez disso, enfatizou a natureza defensiva das ações soviéticas para proteger São Petersburgo dos finlandeses entre 1939 e 1940. Embora o chamado “culto aos caídos” e os memoriais de guerra da Grande Guerra Patriótica fossem altamente estimados na União Soviética (DAHLIN, 2014, 2018; MERRIDALE, 2010), essa “doutrina defensiva” essencialmente negou a memória e a

celebração dos soldados soviéticos mortos na Guerra de Inverno e enterrados em território finlandês, nos campos de batalha de Mäntyvaara (SEITSONEN, 2019) e Raate Road (KULJU, 2007). Conseqüentemente, as valas comuns de soldados soviéticos da Guerra de Inverno em solo finlandês ficaram oficialmente órfãs, negligenciadas e esquecidas.

No entanto, mesmo que a União Soviética negasse a existência e a memorialização das valas comuns, os aldeões finlandeses locais não o fizeram, embora muitos deles tivessem lutado contra a invasão soviética. Em Mäntyvaara, o irmão do Sr. Siivola, que tinha ignorado o sepultamento dos soldados soviéticos, decidiu guardar viva a memória de suas valas comuns. Ele marcou as localizações com pequenas estacas de madeira, e muitas vezes recapitulou os procedimentos da batalha e suas conseqüências para os outros ao trabalhar na colina que fica ao lado de sua casa. Ele repassou as informações sobre os locais de sepultamento, bem como o número de corpos colocados em cada vala (Fig. 3A). Na década de 1980, o Sr. Siivola localizou sob a neve espessa um dos marcadores de túmulos colocados por seu irmão, o que o inspirou a remarcá-los melhor no verão seguinte. Ele demarcou todos os cantos das valas comuns com postes de madeira e marcou o número de mortos nos postes. Mais tarde, ele adicionou um poste central a cada sepultura com o número de soldados enterrados gravados em latão.

O tratado de paz da Segunda Guerra Mundial entre a Finlândia e a União Soviética exigiu que os finlandeses marcassem e cuidassem das valas comuns de campos de prisioneiros de guerra administrados por finlandeses e alemães em território finlandês, também em Mäntyvaara. Esse trabalho ainda é feito hoje em dia por um grupo de voluntários do lado da Lapônia da Sociedade Finlandesa-Russa, anteriormente sociedade finlandesa-soviética, através de uma pequena doação do Estado (HAKKARAINEN, 2012). No entanto, eles não cuidam das sepulturas de campo de batalha da Guerra de Inverno em Mäntyvaara ou em outros lugares e, por décadas, os soldados ali enterrados permaneceram abandonados nas florestas, sendo lembrados apenas pelos moradores locais.



Fonte: Fotografias de Oula Seitsonen.

FIGURA 3

A. Alpo Siivola ao lado do monumento russo de 2002 e da maior vala comum soviética em Mäntyvaara. B. Memorial finlandês em Mäntyvaara. C. Memorial sueco em Mäntyvaara. D. Vala comum de prisioneiros de guerra do outro lado da Colina Mäntyvaara

274

Memorializando e monumentalizando o campo de batalha de Mäntyvaara

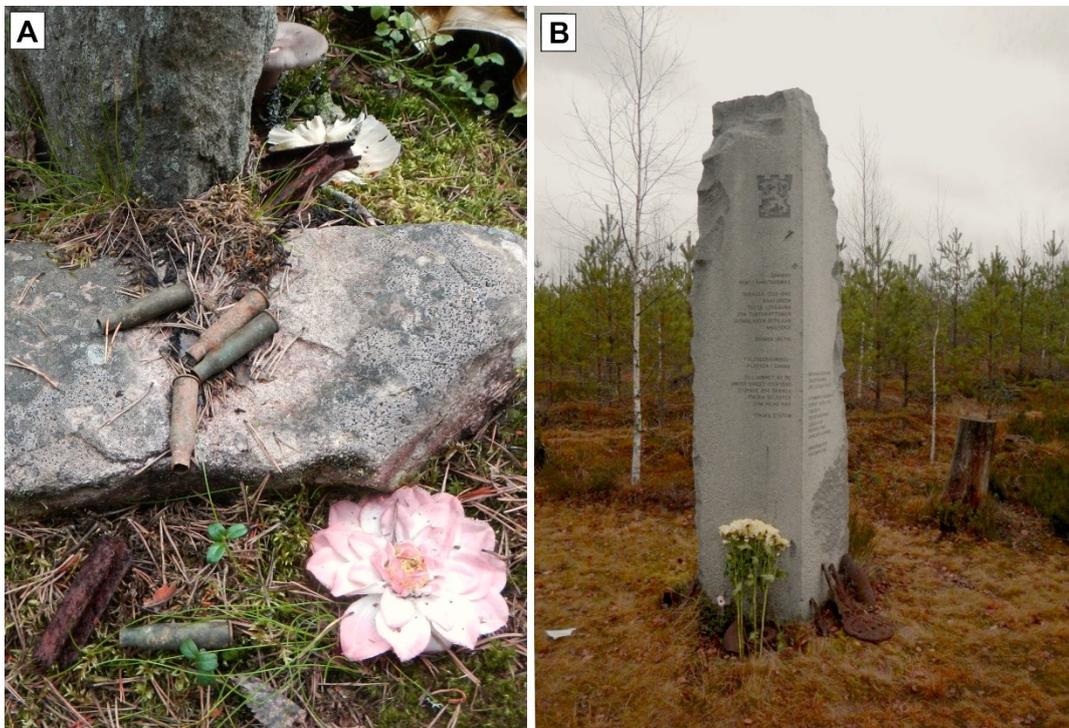
Um memorial de guerra finlandês foi erguido em Mäntyvaara em 1960, 20 anos após a Guerra de Inverno. Esse monumento retrata os soldados esquiadores e o texto “O Senhor ajudou aqui”. Ao seu lado está um pequeno monumento de pedra erguido para dois voluntários suecos mortos na Guerra de Inverno (na parte final da Guerra de Inverno, na primavera de 1940, os voluntários suecos eram responsáveis pelo front nessa área) (Fig. 3B-C). Além disso, após a guerra, a vala comum dos prisioneiros de guerra do outro lado da colina foi primeiramente marcada com uma cruz ortodoxa de madeira e, posteriormente, uma placa de concreto com uma estrela vermelha foi lá colocada (Fig. 3D). No entanto, durante os

anos da Guerra Fria, os túmulos das baixas soviéticas da batalha de Mäntyvaara não foram lembrados por ninguém além dos aldeões locais.

Demorou até maio de 2002, uma década após o colapso da União Soviética em 1991, para que o longo silêncio russo chegasse a um fim inesperado. Isso foi uma surpresa tanto para os moradores locais quanto para as autoridades. Siivola e seu amigo conheceram, por acaso, na loja de ferragens de Salla, um homem russo (doravante, R1) que tentava comprar um embalagens de cimento. Depois de uma discussão, descobriu-se que R1 carregava uma placa memorial que as autoridades russas haviam designado que ele cimentasse em algum lugar perto do monumento finlandês no campo de batalha de Mäntyvaara. R1 não tinha ideia de que, para fazê-lo na Finlândia, ele precisaria da permissão do proprietário, o município de Kemijärvi. No final, Siivola e seu colega concordaram em colocar sua placa memorial no local da batalha em cooperação com o município. O município de Kemijärvi não queria tornar pública a criação de um memorial russo e, assim, atribuiu-o a Siivola e ao seu amigo.

No início, Siivola tomou essa tarefa de celebrar os invasores soviéticos com certa hesitação, mas, no final, ele decidiu levá-la adiante e concluiu que: “Bem, mesmo assim, eu acho que eles também eram tão humanos quanto nós e filhos jovens de alguma mãe, então, que diabos!” Siivola e seu colega receberam liberdade total para colocar o memorial russo na Colina Mäntyvaara. Eles não queriam colocá-lo ao lado do memorial finlandês, onde R1 aparentemente planejava cimentá-lo. Em vez disso, decidiram erguê-lo nas profundezas da floresta, ao lado da maior vala comum soviética para 90 homens e um cavalo (Fig. 3A). Eles carregaram o bloco de pedra de corte bruto no qual a placa memorial preta e brilhante foi incorporada até a colina, fixaram-na rudemente no lugar com pedras naturais e colocaram algumas lajes de pedra em frente a ela, em um arranjo semelhante a um altar. Enquanto cavavam a trincheira da fundação para o monumento, eles se perguntavam se alguém visitaria aquele local isolado. No entanto, para sua surpresa, as autoridades russas organizaram uma grande cerimônia de divulgação no final do verão de 2002, e funcionários de ambos os lados da fronteira participaram dele. Siivola lembrou divertidamente como “essas mulheres finas em seus sapatos de salto alto vermelho cambaleavam no caminho da floresta para o túmulo, levando grandes ornamentos de flores” (comunicação pessoal de Alpo Siivola, 8 de agosto de 2016). Veteranos russos da Segunda Guerra Mundial e membros dos grupos de busca russos pelos soldados caídos também

participaram dessa cerimônia. Esses grupos de busca são financiados pelas autoridades regionais e trabalham em ambos os lados da fronteira finlandesa-russa a fim de encontrar corpos de soldados perdidos. Eles organizaram uma cerimônia anual em Mäntyvaara, no Dia da Vitória, em 9 de maio. Quando visitamos o local em agosto, as flores de plástico de suas celebrações ainda estavam espalhadas pelo memorial. Os visitantes russos também coletaram pequenos achados do campo de batalha, tais como cartuchos russos e cliques de munição, para colocar na base do monumento. Essa parece ser uma tradição russa difundida e interessante em memoriais de guerra (Fig. 4).



Fonte: Fotografias Oula Seitsonen.

FIGURA 4

A. Memórias de campo de batalha de Mäntyvaara coletadas por visitantes russos e colocadas ao pé da pedra memorial. B. Lembranças do campo de batalha coletadas por visitantes russos para o monumento da Guerra de Inverno finlandesa no campo de batalha de Summa, atualmente Rússia

No final do verão de 2014, outro incidente inesperado pegou as autoridades locais de surpresa em Mäntyvaara. Um grupo de políticos de direita da cidade de Kemijärvi visitava o monumento finlandês no campo de batalha de Mäntyvaara

quando notaram, ao lado do monumento, uma cruz ortodoxa recém-erguida e uma placa memorial com uma gravação em russo que dizia “Em memória dos 417 membros do Exército Vermelho da 122ª Divisão do 596º Regimento que caíram e foram deixados no campo de batalha, na Batalha de Mäntyvaara em 20.12.1939”. Eles removeram o monumento, considerado por eles ilegal, e começaram a perguntar qual era a história por trás dele (LAPIN KANSA, 2014). Logo foi descoberto que ele havia sido colocado por um “homem russo desesperado” (doravante, R2), que “procurava desesperadamente pelo túmulo de seu avô” (LAPIN KANSA, 2014). Ele havia tentado entrar em contato com os membros de grupos de busca russos para obter conselhos antes de visitar a Finlândia, para consultá-los sobre como estabelecer um monumento pessoal na Finlândia, mas não havia sido capaz de alcançá-los (LAPIN KANSA, 2014; Comunicação pessoal de Alpo Siivola, 8 de agosto de 2016). Então, quando R2 visitou o campo de batalha em 2014, ele decidiu deixar a cruz e a placa memorial no local, em vez de levá-las de volta para a Rússia. R2 se desculpou caso o “memorial tivesse violado ou ferido os sentimentos das pessoas” (LAPIN KANSA, 2014). Vale ressaltar que, em sua placa memorial, o número de soldados caídos (417 homens) e a data de sua morte: 20 de dezembro de 1939 – ambos errados na gravação do memorial russo de 2002 – estão corretos. Não se sabe o que aconteceu com a placa memorial e a cruz removidas, pois não recebemos resposta das autoridades locais em Kemijärvi às nossas investigações sobre esse incidente.

Curiosamente, o projeto memorial privado de R2 foi abordado nas discussões políticas locais em Kemijärvi sobre a celebração dos tempos de guerra. Um plano havia sido feito para honrar as tropas finlandesas não locais, originárias do sul do país, erguendo um novo monumento para eles no campo de batalha de Mäntyvaara. Isso causou forte resistência local e um dos políticos locais se opôs a esse plano no principal jornal da Lapônia sob o título “Batalha sobre Mäntyvaara” (OJANIEMI, 2014). Por outro lado, alguns debatedores questionaram o direito dos políticos locais de direita “de alma pequena” de “tomar a área memorial de Mäntyvaara como sua” (BJÖRKBACKA, 2014). Os moradores aparentemente sentiram que os finlandeses do sul tentavam se apossar de parte da sua glória invadindo o seu “próprio” espaço monumental e de memória (SEITSONEN, 2019). Agora, esse plano monumental parece ter sido colocado em espera, provavelmente devido à reação local contra ele.

Mudanças na memória transnacional da Guerra de Inverno russa

Como mencionado, o silêncio soviético sobre as batalhas da Guerra de Inverno na Finlândia continuou durante a Guerra Fria e chegou a um fim abrupto com o colapso da União Soviética em 1991. Os arquivos soviéticos anteriormente fechados foram abertos, e historiadores russos começaram a reavaliar as histórias da Segunda Guerra Mundial, em cooperação com historiadores finlandeses (UITTO; GEUST, 2006, p. 209). Assim, a Guerra de Inverno foi reconhecida na Rússia pela primeira vez desde o ataque alemão em 1941. No 60º aniversário da Guerra de Inverno em 1999, houve um fluxo sem precedentes de publicações históricas russas sobre ela (UITTO; GEUST, 2006, p. 209). A conscientização pública a respeito do patrimônio da Segunda Guerra Mundial havia começado a aumentar já nos últimos anos da União Soviética, com a abertura da sociedade sob as políticas glasnost e perestroika dos anos 1980 (KILIN, 2007). Em 1988, foi estabelecida a “União dos Grupos de Busca Russa” (Ru. Союз Поисковец Отрядов России) dedicada à busca, repatriação e celebração dos “Soldados Desconhecidos” perdidos no campo de batalha da Segunda Guerra Mundial (DAHLIN, 2014). A organização nacional de voluntários é composta por mais de 600 grupos de busca locais com mais de 40.000 membros; supostamente, eles localizaram os restos mortais de mais de 450.000 soldados soviéticos. Essa atividade foi renovada com o início do governo presidencial de Vladimir Putin em 2000 (FEDERAL ARCHIVAL AGENCY OF RUSSIAN FEDERATION, 2016) e esses grupos foram rebatizados como “Movimento Público de Busca Totalmente Russo” (Ru. Поисковое движение России) (СОСНА, 2015). São os voluntários desses grupos de busca que também visitam, anualmente, o monumento russo em Mäntyvaara no Dia da Vitória, em 9 de maio.

As elites russas contemporâneas sob o governo de Putin estabeleceram a Grande Guerra Patriótica e, especialmente, o Dia da Vitória, como mito fundamental para a Rússia moderna e para a identidade russa (KATTAGO, 2007). Isso é usado, especialmente, como uma maneira de incluir a era comunista da União Soviética no contínuo histórico russo mais longo, ligando a Rússia Imperial pré-1917 ao estado russo moderno (KATTAGO, 2007). Já os monumentos soviéticos da Segunda Guerra Mundial frequentemente usavam a suposta conexão com a era imperial (KATTAGO, 2007), e esse mesmo elo é apropriado pela elite moderna sempre que for benéfico. Recentemente, continuidades históricas ainda mais longas foram aproveitadas após a anexação debatida da Criméia da Ucrânia em 2014. O

presidente Putin defendeu a conquista da Península da Criméia com base nos locais “sagrados” relacionados a Vladimir, o Grande (ca. 958-1015 D.C.) e à sua cristianização da Rússia, à Guerra da Criméia (1853-1856) e à Segunda Guerra Mundial. De acordo com o presidente, “cada um desses lugares é sagrado para nós, como símbolo da glória militar russa e proficiência incomparável” (PUTIN, 2015). A memória histórica russa foi apropriadamente descrita como “multi-histórica”: uma combinação fluida e descentrada de múltiplos símbolos simultâneos, que podem até se contradizer (ETKIND, 2013, p. 208). As inconsistências normalmente escapam à conscientização pública devido à escassez de pontos de ancoragem histórica comuns estabelecidos (ETKIND, 2013, p. 208-209). Assim, eles podem ser prontamente reformulados sempre que houver necessidade política.

O trabalho dos grupos de busca mencionados parece fazer parte desse processo político mais amplo. Já em 2001, o governo de Putin estabeleceu o programa de “Educação Patriótica dos Cidadãos” (FEDERAL ARCHIVAL AGENCY OF RUSSIAN FEDERATION, 2016), que forjou um elo entre a formação patriótica da juventude e o serviço militar (DAHLIN, 2014). Johanna Dahlin (2014, 2018) notou que participar do trabalho dos grupos de busca oferece uma forma popular de participar da “educação militar-patriótica” das crianças em idade escolar. Isso parece ter associações com os movimentos juvenis da era soviética (KELLY, 2006). Um precursor dos grupos de busca, chamado “Red Pathfinder” (Desbravador Vermelho), foi estabelecido já nos tempos soviéticos sob Komsomol, a Organização da Juventude do Partido Comunista (DAHLIN, 2014, 2018). Além disso, os idiomas utilizados em relação a atividades ligadas ao trabalho como “uma contraforça ao neofascismo” e cultivar habilidades mentais vantajosas através da vida de acampamento comunal em condições de campo (DAHLIN, 2014, p. 36), lembram a retórica soviética usada, por exemplo, pelo “Movimento Jovem Pioneiro” (DAHLIN, 2014, p. 33).

Os grupos de busca russos trabalham no lado finlandês em estreita cooperação com a “Associação Nacional Finlandesa de Valorização da Memória dos Mortos da Guerra” criada em 1998 (ASSOCIAÇÃO PARA VALORIZAR A MEMÓRIA DOS MORTOS DA GUERRA, n.d.). Esse trabalho de busca transnacional em andamento por grupos de busca russos e finlandeses resultou na localização e repatriação de milhares de soldados caídos. Os corpos russos localizados são reenterrados anualmente em 14 de setembro em Alakurtti (cerca de 140 km a leste de Mäntyvaara, na Rússia) em um sepulcro monumental com honras militares

completas. Do lado finlandês, os corpos são transportados para a vila natal dos falecidos para serem enterrados nos chamados “cemitérios de heróis”, tipicamente encontrados em cada vila finlandesa, como já havia sido feito durante a guerra. No entanto, do ponto de vista arqueológico, antropológico e forense, esse trabalho voluntário de busca não está livre de preocupações éticas. Os métodos de campo usados são muitas vezes relativamente grosseiros, há uma quase total falta de documentação de campo, e às vezes os corpos localizados pertencentes a outras nacionalidades podem receber um tratamento grosseiro (GROSSKOPF, 2016; SEITSONEN, 2019). Recentemente, arqueólogos e peritos forenses tentaram participar do trabalho de campo desses voluntários entusiasmados na Finlândia (Fig. 5). Pelo menos a documentação fotográfica básica foi promovida, o que poderia ser usado posteriormente para a modelagem tridimensional dos túmulos e dos corpos localizados (SAVOLAINEN, 2017).



Fonte: Fotografia de Oula Seitsonen.

FIGURA 5
Membros do grupo de busca local à esquerda e o Sr. Siivola nos guiando no campo de batalha de Mäntyvaara, atrás deles há uma linha de trincheiras soviéticas rasas

A busca e o re-sepultamento de soldados soviéticos caídos, também fora das fronteiras russas, parece ser parte de uma recente rearticulação mais ampla do

passado russo (DAVYDOVA-MINGUET, 2015). Isso ocorre de forma aprovada pelas autoridades políticas e tipicamente aumentada por rituais religiosos realizados por padres ortodoxos russos (SEITSONEN, 2019). A cultura material e as atividades nesses monumentos mediam mensagens que constroem capital político, cultural e social através do “culto aos caídos”, que já era importante na União Soviética. O “culto aos caídos” funciona através de um “duplo processo de identificação” (KATTAGO, 2007, p. 151) desses soldados mortos há muito tempo, os quais, alega-se fundamentalmente, sacrificaram suas vidas em nome dos propósitos definidos pelas autoridades políticas contemporâneas e por suas reivindicações de celebração (SHANKEN, 2004, p. 170; ETKIND, 2013).

Epílogo

A criação do monumento russo em Mäntyvaara em 2002 coincide com vários outros fenômenos mais amplos, tais como o início da “Educação Patriótica dos Cidadãos”, o interesse renovado na Guerra de Inverno na esteira de seu 60º aniversário, e a revitalização dos grupos de busca (SEITSONEN, 2019). Assim, o memorial no Campo de Batalha de Mäntyvaara parece estar ligado aos processos políticos russos em curso, o quais se estendem também além de suas fronteiras atuais. Isso é enfatizado, por exemplo, pelos serviços memoriais realizados anualmente no local por membros dos grupos de busca russos. Essas celebrações podem ser vistas também como demonstrações do poder estatal russo. As apresentações públicas nos monumentos atuam como manifestações do passado sancionado pelo Estado no presente e projetadas no futuro (SHANKEN, 2004, p. 170). Apresentações comemorativas públicas sempre afetam e redefinem os espaços onde são realizadas. Assim, elas podem ser entendidas como atos representativos que acumulam capital cultural e valor de propriedade espacial. Além disso, podem ser interpretadas como tentativas sancionadas pelo Estado russo de apostar em reivindicações comemorativas e na autoridade sobre espaços públicos, também fora das fronteiras russas (SHANKEN, 2004, p. 170). No caso transnacional de Mäntyvaara, essas atividades comemorativas ocorrem no mundo cotidiano dos aldeões finlandeses. Mesmo depois de sete décadas, esse espaço social é altamente controverso no que tange à celebração da invasão militar soviética contra a qual seus pais e avós lutaram.

No entanto, em Mäntyvaara, o espaço memorial russo é remoto e separado dos monumentos finlandeses e suecos, os quais são de fácil acesso e sinalizados na beira da estrada (Fig. 2). Isso, provavelmente, não é o que foi originalmente planejado pelas autoridades russas, uma vez que seu plano mudou quando o lugar para seu monumento foi decidido pelo nosso informante, Sr. Siivola, e por seu amigo. Por outro lado, a caminhada pela floresta silenciosa até o monumento russo é cênica e pacífica, e permite espaço para reflexão silenciosa ao longo do caminho (KOSKINEN-KOIVISTO, 2016). Os pequenos itens militares coletados do campo de batalha pelos visitantes russos e “ofertados” ao pé do monumento podem estar ligados a esse vagar reflexivo pelas florestas e a observar pequenos achados no chão. Os visitantes poderiam ter sentido um vínculo pessoal mais forte e íntimo com os soldados que lutaram lá na Segunda Guerra Mundial ao tocar e coletar esses itens que testemunharam suas ações passadas. Isso pode ser visto através da noção do filósofo Maurice Merleau-Ponty (1962, p. 161) sobre a imersão corpórea humana no ambiente, segundo a qual “mover o corpo é mirar nas coisas através dele; é permitir-se responder ao seu chamado...”. Assim, em um nível metafórico, as pessoas que subiram a colina e pegaram pequenos achados no caminho atenderam ao seu chamado, e através desses artefatos, atenderam ao chamado dos soldados falecidos que lutaram na colina em 1939 (SEITSONEN, 2019). Isso poderia ser visto como uma forma de criar um elo pessoal simbólico com os soldados caídos.

O espaço memorial finlandês-sueco dominante e todo o campo de batalha de Mäntyvaara parecem ter grande importância simbólica para os moradores dessa área, os quais frequentemente expressam uma forte propriedade, administração e consciência desse patrimônio, e desejam que ele seja protegido e reconhecido nacionalmente. Isso é sugerido, por exemplo, por suas reações fortes e politizadas contra colocar até mesmo um pequeno memorial russo pessoal ao lado do monumento finlandês, ou erguer um novo monumento para as tropas do sul da Finlândia que participaram da batalha. Essas discussões, por vezes acaloradas, também destacam a importância e a relevância do patrimônio material e imaterial da Segunda Guerra Mundial no presente, como parte sempre presente da paisagem local e da memória. Os moradores frequentemente sentem que as autoridades nacionais ignoraram e negligenciaram as histórias e heranças da guerra do norte da Finlândia, o que ilustra tensões e confrontos norte-sul contínuos, reais ou percebidos, que têm suas raízes na longa história de exploração colonial da Lapônia

pelo sul dominante (AIKIO, 2000; LEHTOLA, 1994; NYSSÖNEN, 2013; SEITSONEN, 2020).

Os lugares da Segunda Guerra Mundial não são automaticamente protegidos como patrimônio na Finlândia ou na Rússia (SEITSONEN, 2020, p. 74). Uma notável exceção a isso, na Finlândia, são os lugares localizados nas terras controladas pelo Conselho Nacional Florestal finlandês. As autoridades tomaram a decisão marcante de proteger todos os restos materiais até meados da década de 1950 como patrimônio cultural, incluindo locais de histórias e outros lugares localmente importantes (TAIVAINEN, 2013; 2015). Como resultado dessa decisão, a Agência do Patrimônio Nacional finlandês incluiu uma nova categoria “outro lugar-patrimônio cultural” em seus registros patrimoniais. Ultimamente, tem havido desenvolvimentos encorajadores quanto à proteção do patrimônio da Segunda Guerra Mundial, também no lado russo da fronteira. Arqueólogos finlandeses têm estudado a frente sul da Guerra de Inverno na Linha Mannerheim, na Rússia, em cooperação com o Museu Militar do Istmo Karelian (Fig. 4B) (MANNERHEIM LINE ARCHAEOLOGY, 2019). Recentemente, o diretor do museu, Bair Irincheev, conseguiu que a porção ocidental da Linha Mannerheim fosse reconhecida e protegida como patrimônio cultural (comunicação pessoal de Bair Irincheev, 16 de outubro de 2020). O próximo passo será estender ainda mais essa proteção para cobrir mais e diferentes tipos de lugares em ambos os países.

Nos últimos anos, a arqueologia tem visto uma crescente conscientização pública e profissional mundial sobre a importância e o potencial de locais passados recentes (MCATACKNEY; PENROSE, 2016; MULLINS, 2014; OLSEN; PÉTURSDÓTTIR, 2014). Também na Finlândia e nos países vizinhos, alguns desenvolvimentos encorajadores vêm ocorrendo no que tange a preservação e o reconhecimento do patrimônio moderno do conflito (FAST; VÄISÄNEN, 2020; SEITSONEN; HERVA, 2011; YLIMAUNU *et al.*, 2013). Isto é reconfortante também para a preservação dos traços órfãos e transnacionais da Segunda Guerra Mundial da zona fronteira finlandesa-russa. Também é significativo prestar atenção à importância local desse patrimônio (JONES, 2017; SEITSONEN, 2020, p. 16) e às comemorações transgeracionais locais, que antes eram frequentemente negligenciadas pelas autoridades patrimoniais, mas, em muitos casos, possuem informações espaciais únicas e detalhadas. Por exemplo, localizar as valas comuns em Mäntyvaara, sem orientação local, teria exigido um projeto de prospecção arqueológica em larga escala (SEITSONEN, 2019). No entanto, no momento, nem o

campo de batalha de Mäntyvaara, nem as valas comuns soviéticas nele encontradas, são vistas como heranças reconhecidas pelo Estado. Portanto, cabe aos moradores locais manter a memória transgeracional dessas sepulturas.

NOTAS

1. A monumentalização e a memorialização do campo de batalha de Mäntyvaara foram discutidas anteriormente no capítulo do livro Seitsonen (2019) no qual este artigo é parcialmente baseado.
2. A equipe internacional de trabalho de campo incluiu, além dos autores atuais, também o Dr. Iain Banks (Universidade de Glasgow, Reino Unido), o Professor Vesa-Pekka Herva (Universidade de Oulu, Finlândia), a Dra. Eerika Koskinen-Koivisto (Universidade de Jyväskylä, Finlândia), o Sr. Mika Kunnari (Universidade da Lapônia), o Professor Gabriel Moshenska (University College London, Reino Unido), o Sr. Wesa Perttola (Universidade de Helsinque, Finlândia) e a Professora Suzie Thomas (Universidade de Helsinque, Finlândia).

REFERÊNCIAS

- AIRIO, P. *Sallan suunnan taistelut 1939–1940*. Helsinque: Maanpuolustuskorkeakoulun Sotahistorian laitos, 2009.
- ALSINA, A. 2018. Una historia olvidada: cuando Uruguay ayudó a Finlandia. *La Diaria*, Montevideu, 12 maio 2018.
- ASSOCIAÇÃO PARA VALORIZAR A MEMÓRIA DOS MORTOS DA GUERRA. *Sotavainajien Muiston Vaalimisyhdistys Vuodesta 1998*. Disponível em: http://www.sotavainajat.net/in_english.
- BJÖRKBACKA, K. Pienisieluiset kokoomuspoliitikot. *Uusi Suomi*, 11 ago. 2014. Disponível em: <http://kalervokassubjrckbacka.puheenvuoro.uusisuomi.fi/173599-pienisieluiset-kokoomuspoliitikot>.
- DAHLIN, J. De dog för att vi skulle leva: Rysslands patriotiska fostran och de levandes plikter mot de döda. *Nordisk Østforum*, v. 28, n. 1, p. 25–46, 2014.
- DAHLIN, J. Now You Have Visited the War. The Search for Fallen Soldiers in Russia. In: FRIHAMMAR, M.; SILVERMAN, H. (ed.). *Heritage of Death: landscapes of emotion, memory and practice*. Londres; Nova York: Routledge, 2018, p. 131-144.
- DAVYDOVA-MINGUET, O. Voitonpäivänjuhla Sortavalassa. Juhlinnan ja muistin politiikkaa rajakaupungissa. *Elore*, v. 22, n. 2, p. 1–32, 2015.
- ETKIND, A. *Warped Mourning. Stories of the Undead in the Land of the Unburied*. Stanford: Stanford University Press, 2013.
- FEDERAL ARCHIVAL AGENCY OF RUSSIAN FEDERATION. О государственной программе 'Патриотическое воспитание граждан Российской Федерации на 2016 – 2020 годы'.

Утверждена постановлением Правительства Российской Федерации от 30 декабря 2015 г. № 1493, 2016. Disponível em: <http://archives.ru/programs/patriotic.shtml>.

GROSSKOPF, B. *Why? The Non-Archaeological removal of historic conflict related mass graves: case studies*. In the Fields of Conflict Conference, 2016, Dublin.

HAKKARAINEN, P. Venalaisten sotavankien haudat ovat hyvassa hoidossa. *Kaleva*. 30 set. 2012. Disponível em: <http://www.kaleva.fi/uutiset/pohjoissuomi/venalaisten-sotavankien-haudat-ovat-hyvassa-hoidossa/607344/>.

IRINCHEEV, B. *The Mannerheim Line 1920–39: Finnish Fortifications of the Winter War*. Fortress 88. Oxford: Osprey Publishing, 2009.

IRINCHEEV, B. *The War of the White Death: Finland against the Soviet Union 1939-1940*. Barnsley: Pen & Sword, 2012.

KAJAANI, M.. “Filadelfian” lähettiläitä ja muuta diplomatiaa. In: PAKKASVIRTA, J.; ARONEN, J. (ed.). *Kahvi, pahvi ja tango. Suomen ja Latinalaisen Amerikan suhteet*. Helsingue: Gaudeamus, 1998, p. 64-81.

KELLY, C. Shaping the future race: regulating the daily life of children in early soviet Russia. In: KIAER, C.; NAIMAN, E. (ed.). *Everyday life in early soviet Russia: taking the revolution inside*. Bloomington/ Indianapolis: Indiana University Press, 2006, p. 256–281.

KILIN, J. Rajakahakan hidas jaiden lahto. In: JOKISIPILA, M. (ed.). *Sodan totuudet: Yksi suomalainen vastaa 5.7 ryssää*. Helsingue: Ajatus, 2007, p.83–84.

KLEEMOLA, O. Talvisota – valkoisten lumipukujen muuttumaton kuvakertomus? *Ennen ja nyt*, v. 15, n. 4, p.1–13, 2015.

KOSKINEN-KOIVISTO, E. Transnational heritage work and commemorative rituals across the Finnish-Russian border in the old Salla region. In: SARAMO, S.; KOSKINEN-KOIVISTO, E.; SNELLMAN, H. (ed.). *Transnational death*. Helsingue: Suomalaisen Kirjallisuuden Seura, 2019, p. 200-213.

KOSKINEN-KOIVISTO, E.; THOMAS, S. Lapland’s dark heritage: responses to the legacy of World War II. In: SILVERMAN, H.; WATERTON, W.; WATSON, S. (ed.). *Heritage in Action: making the past in the present*. Nova York: Springer, 2017, p. 121–133.

KULJU, M. *Kaksintaistelu lumessa - Lapin talvisota 1939-1940*. Helsingue: Gummerus, 2019.

KULJU, M. *Raatteen tie -Talvisodan pohjoinen sankaritarina*. Helsingue: Gummerus, 2007.

LAPIN KANSA. Luvaton muistomerkki Kemijärvellä – epätoivoinen venäläismies etsi ukkinsa hautaa. *Lapin Kansa*, 1 ago. 2014.

LINO J.; SYMONDS, J.; FUNARI, P. Conflict, memory, and material culture: the Archaeology of the Contestado War in Brazil (1912-1916). In: NEWSON, P.; YOUNG, R. (ed.). *Post-conflict Archaeology and cultural heritage*. Abingdon: Routledge, 2019, p.72–90.

LINO, J.; SYMONDS, J. Arqueologia da Guerra do Contestado (1912-1916): conflito, cultura material e memória. *Vestígios - Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, v. 15, n. 1, p. 5-25, 2021.

MANNERHEIM Line Archaeology. Mapping the Heritage Value of Finnish Second World War Defensive Line in Karelian Isthmus, Russia. 2019. Disponível em: <https://blogs.helsinki.fi/mannerheim-line-archaeology/>.

MERLEAU-PONTY, M. *Phenomenology of Perception*. Londres; Nova York: Routledge, 1962.

MERRIDALE, C. Soviet Memories: Patriotism and Trauma. In: RADSTONE S.; SCHWARZ, B. (ed.). *Memory: histories, theories, debates*. Nova York: Fordham University Press, 2010, p. 376-390.

MOSHENSKA, G. *Material Cultures of childhood in Second World War Britain*. Londres; Nova York: Routledge, 2019.

MÄLKKI, J. *Herrat, jätkät ja sotataito: Kansalaissotilas- ja ammattisotilasarmeijan rakentuminen 1920- ja 1930-luvulla "Talvisodan ihmeksi."* Helsinque: Suomalaisen Kirjallisuuden Seura, 2008.

OJANIEMI, J. Mantyvaarasta taistellaan. *Lapin Kansa*, 11 ago. 2014.

SAUNDERS, N. *Trench Art: materialities and memories of war*. Oxford; Nova York: Berg, 2003.

SAVOLAINEN, J. *Konfliktiarkeologia osana humanitaarista työtä – Ilomantsin sotavainajan ylös nosto konfliktiarkeologian menetelmin ja tutkimus yhteistyössä metallinilmainsinharrastajien kanssa*. Helsinque, 2017. Tese (Bacharelado em Artes) – Universidade de Hensilque.

SCHOFIELD, J. *Aftermath: readings in the Archaeology of Recent Conflict*. Swindon: English Heritage, 2009.

SEITSONEN, O. *Archaeologies of Hitler's Arctic War: heritage of the Second World War German Military Presence in Finnish Lapland*. Abingdon: Routledge, 2020.

SEITSONEN, O. *Digging Hitler's Arctic War: Archaeologies and Heritage of the Second World War German Military Presence in Finnish Lapland*. Helsinque: Unigrafia, 2018.

SEITSONEN, O. Transnationally Forgotten and Re-remembered: Second World War Soviet Mass Graves at Mäntyvaara, Eastern Finnish Lapland. In: SARAMO, S.; KOSKINEN-KOIVISTO, E.; SNELLMAN, H. (ed.). *Transnational death*. Helsinque: Suomalaisen Kirjallisuuden Seura, p. 178-199, 2019.

SHANKEN, A. Research on memorials and monuments. *Anales del Instituto de Investigaciones Estéticas*, v. 84, p. 163-172, 2004.

SPK 534. *War diary of Erillinen pataljoona 17 1939–1940*. Helsinque: Finnish National Archives.

TAIVANEN, J. *Metsiin kadonneet: Valtion metsien kulttuuriperintökohteiden inventointihanke 2010–2015*. Vanda: Metsähallitus, 2015.

TAIVANEN, J. Muinaismuistolain suojelema tai ei – Metsien kulttuuriperintö on moninaista ja arvokasta. In: ENQVIST, J.; RUOHONEN, J.; SUHONEN, M. (ed.). *Arkeologipäivät 2012. Suomen muinaismuistolaki 50 vuotta: vetreä keski-ikäinen vai raihnainen vanhus & Arkeopeda – opetusta, opastusta, oppimista*. Helsinque: Suomen arkeologinen seura, 2013, p. 26-28.

TEPORA, T. *Sodan henki: kaunis ja ruma talvisota*. Helsinque: WSOY, 2015.

THOMAS, S.; HERVA, V.; SEITSONEN, O.; KOSKINEN-KOIVISTO, E. Dark heritage. In: SMITH, C. (ed.). *Encyclopedia of Global Archaeology*. Cham: Springer, 2019.

UITTO, A.; GEUST, C. *Mannerheim-Linja. Talvisodan Legenda*. Helsinque: Ajatus, 2006.

ПЕРВЫЙ КАНАЛ. ОБРАЩЕНИЕ ПРЕЗИДЕНТА РФ ВЛАДИМИРА ПУТИНА, ПОЛНАЯ ВЕРСИЯ, 2014. Disponível em: <https://www.1tv.ru/news/2014/03/18/46116-obraschenie-prezidenta-rf-vladimira-putina-polnaya-versiya>.

Сосна, И. Патриотическое воспитание молодежи в Российской Федерации: состояние, актуальные проблемы и направления развития. Сборник материалов “круглого стола” на тему “Опыт субъектов Российской Федерации по военно-патриотическому воспитанию молодежи.” Совет Федерации: Федерального Собрания Российской Федерации, 2015.

Oula Seitsonen Correio é Professor visitante da Universidade de Oulu, Finlândia, havendo realizado seu doutorado pela Universidade de Helsinki, do mesmo país. É membro da equipe que desenvolve o projeto “Lapland Dark Heritage”, que investiga o patrimônio cultural da Segunda Guerra Mundial no norte da Europa.

Jaisson Teixeira Lino Correio é Professor Associado da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Pós-Doutor em Arqueologia pela Universidade de Amsterdã, Holanda. Doutor em Arqueologia pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto-Douro, Portugal. Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Especialista em Arqueologia pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai (URI). Graduado em História pela Universidade do Extremo Sul Catarinense. Bolsista Produtividade em Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Como citar:

SEITSONEN, Oula; LINO, Jaisson Teixeira. Monumentos da Guerra de Inverno (1939-1940) no Ártico Selvagem: herança das valas comuns soviéticas da Segunda Guerra Mundial na Lapônia Finlandesa. *Patrimônio e Memória*, Assis, SP, v. 19, n. 1, p. 266-287, jan./jun. 2023. Disponível em: pem.assis.unesp.br.